APOCALÍPTICA JUDAICA – APOCALÍPTICA CRISTÃ

José Comblin

O povo de Israel acreditava num fim do mundo assim como acreditava num começo do mundo. É uma exceção na história da humanidade. Praticamente todas as civilizações acreditaram num recomeço perpétuo do mundo. A imagem do ano solar, com a repetição das estações, do tempo de plantar e do tempo de colher era tão forte que fornecia a representação do mundo no tempo. Assim como o ritmo das estações se repete sem fim, assim também o mundo se repete sem fim. Por isso também muitas culturas acreditaram na reencarnação. Nada tem começo, nada tem fim, tudo recomeça sempre e desde sempre. As civilizações antigas creram que não há nunca nenhuma novidade: tudo recomeça sempre igual. As diferenças são provisórias e logo se apagam.

O povo de Israel era uma exceção. Ainda hoje os povos que são descendentes de Abraão – judeus, cristãos, muçulmanos – são uma exceção. Mesmo nos países de tradição cristã há muitas pessoas que deixaram de acreditar num fim do mundo, num juízo final e numa ressurreição: crêem que vão recomeçar outra vida depois desta, e depois da seguinte, mais uma e assim sem fim. Enxergavam a vida humana como se fosse a vida de uma planta ou de um animal.

Por isso a Bíblia é um livro religioso único: começa com o livro do Gênesis que narra o começo do mundo e acaba com o apocalipse de João que narra o fim do mundo. Na Bíblia o Apocalipse de João ocupa um lugar fundamental. É o ponto final para o qual converge toda a revelação de Deus, o ponto final que confere sentido a tudo o que aconteceu no mundo desde a criação.

O modo de escrever do Apocalipse surpreende porque não é comum entre nós. Usa imagens muito fortes que constituem dramas trágicos. Entre os judeus daquele tempo esse modo de escrever era bastante comum, porque nos foram conservados vários livros escritos da mesma maneira. Estes não formam parte da Bíblia: não foram reconhecidos como inspirados. O único livro apocalíptico que entrou na Bíblia antes do Apocalipse de João foi o livro de Daniel. Por sinal, João inspira-se muito no livro de Daniel. O seu livro dá um pouco a impressão de ser como um comentário, ou – como dizem hoje – uma "releitura" do livro de Daniel, isto é, uma adaptação aos novos tempos. O livro de Daniel foi escrito uns 250 anos antes do Apocalipse de João. Nesse intervalo muitas circunstâncias tinham mudado, embora o sentido da história do mundo e do povo de Israel permanecesse sempre fundamentalmente igual.

Desde o início, desde Abraão seu primeiro patriarca, o povo de Israel vive na esperança de outro mundo, na esperança de um mundo de justiça e de paz. Recebeu promessas e vive meditando as promessas. Nenhum povo viveu assim de promessas.

Todos os povos esperam chuvas, boa colheita, fartura de comida, saúde, paz, vitória, grandeza, glória. Já estão contentes quando as chuvas deram para sobreviver até o ano seguinte. Não esperam mudanças radicais.

O povo de Israel espera mudanças radicais. Quando tudo vai bem, tende a ser igual aos outros povos, pensa na colheita e na fartura. Quando as coisas andam mal – seca, invasão, derrota, epidemias, morte – os profetas lembram as promessas e o povo volta a esperar mesmo contra toda esperança.

Os tempos de Jesus foram tempos muito conturbados: as derrotas, as humilhações iam crescendo. Os desastres multiplicavam-se. A esperança exasperou-se também. Alguns achavam que não se devia esperar passivamente: achavam que se devia levantar-se em armas e expulsar os invasores e que Deus ajudaria e daria a vitória. Outros achavam que isso era tentar a Deus, que somente Deus sabia dos tempos das suas promessas. Era preciso agüentar e esperar firmemente até a hora marcada por Deus. Assim pensavam os autores dos apocalipses.

Todos perscrutam os sinais dos tempos. Querem ver se Deus deixou sinais da sua vinda iminente. Crêem reconhecer alguns sinais. Alguns acham que já sabem o dia marcado por Deus. Em toda a história cristã durante 2000 anos sempre houve alguns profetas – que eram falsos profetas – que diziam que já podiam anunciar o dia da vinda de Deus e do fim do mundo. Eram falsos profetas porque sempre erraram. Até agora todas as datas anunciadas eram falsas. Ainda hoje há grupos que acham que conhecem a data do fim do mundo. Já sabemos que estão errados também, assim como estavam todos os que fizeram o mesmo anúncio antes deles.

Os apocalipses dos judeus concentram a atenção sobre o fim de Israel, o fim dos seus sofrimentos e o advento do seu reino glorioso. O Apocalipse de João destaca em primeiro lugar o fim do mundo inteiro, sendo que Israel está no centro desse mundo. Por isso refere mais claramente o último dia deste mundo ao primeiro dia. Para ele o que vai acontecer será o fim da criação narrada no Gênesis e o começo de uma nova criação. Esta nova criação não será o começo de uma história nova. Será o ponto final da primeira criação.

Os judeus escreviam apocalipses quando se sentiam inspirados. Escreviam os seus sonhos e achavam que os seus sonhos eram inspirações de Deus. Os seus sonhos refletiam as preocupações do seu povo: as perseguições, as humilhações, as derrotas, a impotência diante da superioridade militar dos inimigos. Justamente depois do ano 70 os judeus fizeram a experiência da sua incapacidade militar. A insurreição tinha terminado no extermínio dos habitantes de Jerusalém, na destruição da cidade e na redução à condição de escravos de milhares de judeus do campo. A insurreição terminou na ruína ou no mercado de escravos. Então a súplica se eleva para Deus. Quando todos os recursos humanos falham, somente fica Deus, o último recurso.

O Apocalipse de João é um livro cristão. Quando o profeta cristão João escreve, os cristãos já estão separados dos judeus. Foram expulsos do povo de Israel como hereges. Esta separação deixa-os numa situação perigosa. Pois no Império Romano os judeus estavam espalhados pelas cidades gregas e romanas onde formavam guetos relativamente importantes. Em geral estima-se que podiam alcançar os 10% da população.

A grande maioria dos judeus não morava na Palestina nos tempos de Jesus e estavam dispersos pelo mundo. Muitos estavam dentro das fronteiras no Império Romano. Outros estavam fora das fronteiras: a Leste do império na Ásia, ou no Sul na África. Os que moravam no império eram tolerados. Podiam praticar sua religião. Os de Jerusalém não teriam sido exterminados se não tivessem tomado em armas para expulsar os romanos. Quando se realizou o levante em Jerusalém, os judeus que moravam no império não fizeram nada para ajudá-los. Tinham medo de perder os seus privilégios. Dessolidarizaram-se. Nem acreditavam na possibilidade de vitória militar de uns bandos de israelitas frente ao exército mais poderoso do mundo. Não foram inquietados.

Uma vez que os cristãos eram rejeitados pelos judeus, já não estavam cobertos pela tolerância romana. Eram uma religião ilegal, e, por conseguinte, exposta à repressão. Foi o que aconteceu diversas vezes. Houve perseguições sangrentas. Parece que houve uma primeira perseguição na Ásia nos tempos de Domiciano ao redor de 95. Não conhecemos muitos pormenores. O livro do Apocalipse de João é o testemunho mais explícito. Relata que já houve cristãos mortos pela sua fé em Cristo. Esta perseguição fez com que os cristãos sentissem mais o perigo em que se metiam quando se tornavam cristãos e rejeitavam as religiões tradicionais, e ao mesmo tempo se negavam a praticar o culto ao imperador que já se estava instalando.

A perseguição é a maior provação da fé. O profeta João foi enviado para fortalecer a fé dos seus irmãos cristãos. Na perseguição, quando todas as aparências são de derrota e de fracasso, torna-se mais necessário lembrar que a vitória final pertence a Deus, que os reinos deste mundo são breves e serão destruídos, que é preciso confiar nas promessas de Deus apesar das aparências contrárias.

Comparando o Apocalipse de João com os apocalipses dos judeus, podemos perceber diferenças notáveis. Ora, o que nos interessa é justamente a novidade. Nas visões de João há muito material que vem de Daniel e dos livros apocalípticos dos judeus, sobretudo o chamado 4º livro de Esdras e o livro de Enoque. O importante é a novidade que traz a fé cristã. Eis aqui algumas das novidades mais importantes no que diz respeito ao fim do mundo.

1. A proclamação do reino de Deus já realizado

Nos apocalipses dos judeus, a pessoa central é Javé, Deus. Aqui ao lado de Deus está o Cristo ressuscitado, o Jesus de Nazaré que foi morto em Jerusalém e ressuscitou. O fim do mundo é sempre o advento do reino de Deus, que pode ser acompanhado ou precedido pelo advento do Messias. Ora, no livro de João, a grande novidade é que pela sua ressurreição Jesus foi colocar-se à direita de Deus e recebeu o reino sobre toda a humanidade. O reino de Deus já começou (cap. 5). Já foi proclamado e instalado no céu. A morte de Jesus foi o passo que levou ao reino de Deus. Por conseguinte, a impaciência dos cristãos pode acalmar-se. O reino já está presente. Já está realizado. O Messias já está reinando.

Daí os gritos de alegria e os cantos de vitória que no Apocalipse são muito mais importantes e ocupam muito mais espaço do que os gritos que pedem ajuda. O livro do Apocalipse é uma celebração de vitória de Jesus ressuscitado.

Por conseguinte, para os cristãos a espera do advento final do reino de Deus já perde algo da sua urgência. Em lugar de viver como os judeus com os olhos fixados no futuro, os cristãos concentram os olhos no presente. É verdade que na terra ainda não se realizou o reino de Deus, mas já está presente nos céus. Jesus já está presente como rei do universo novo. No meio das perseguições os cristãos não olham para o futuro, olham para o Cristo ressuscitado cujo reino já existe e com toda certeza vai chegar a este mundo. De certo modo o fim do mundo já aconteceu. Pelo menos já aconteceu um ato central que foi a investidura do rei no novo reino eterno de Deus.

Os mártires já estão com Jesus, já participam do seu reino de alguma maneira, de uma maneira que é a "primeira ressurreição". A lembrança dos mártires não exaspera o sofrimento. Sabe-se que eles já são vencedores. Já estão presentes na vitória de Cristo. Por isso a sua morte se celebra como o seu nascimento para a vida nova no reino de Deus: é um dia de vitória e não de derrota, apesar das aparências.

O martírio adquire o seu sentido na lembrança da morte e da ressurreição de Jesus (cap. 11–12). A morte de Jesus como profeta em Jerusalém prolonga-se e renova-se na morte das suas testemunhas na grande cidade que é este mundo, a cidade que lembra Babilônia, e Babilônia aqui designa Roma. Nenhuma pessoa familiarizada com a Bíblia terá dúvida a esse respeito. Todas as Igrejas estão sob o sinal da morte e da ressurreição de Jesus. Por isso a morte dos mártires não é nenhum acidente da história. É a extensão pelo mundo da morte de Jesus. É o caminho que leva ao reino de Deus.

Foi o que as autoridades de Israel não queriam compreender. No entanto, milhares de mártires compreenderam e viveram. Até neste século XX que se acaba e que conheceu o maior número de mártires desde o início da Igreja.

De alguma maneira o fim do mundo já aconteceu porque os cristãos já vivem pela fé no novo mundo em que Jesus reina. Já passaram deste mundo para o outro. Somente falta a plena manifestação neste mundo e o desaparecimento do mundo velho.

2. A proclamação da igualdade entre Jesus e Deus

A consciência da divindade de Jesus foi crescendo pouco a pouco nas comunidades cristãs. No meio dos judeus na Palestina os cristãos afirmaram claramente que Jesus era o Messias anunciado pelos profetas, o enviado de Deus, destinado a ser o rei no seu reino futuro. A fé no Messias já enchia de satisfação. Não havia nem necessidade nem meio de fazer mais perguntas sobre a identidade de Jesus. Com isso estava tudo entendido.

Uma vez que a mensagem cristã chegou no mundo dos pagãos que ignoravam a fé no Messias futuro, perguntas apareceram. Qual era a relação de Jesus, o Cristo, com Deus que ele chama de seu "Pai"?

O livro do Apocalipse é testemunha de uma etapa importante nesta história da identificação de Jesus. Prepara diretamente a explicação que aparece no quarto evangelho. Este quarto evangelho foi escrito mais tarde do que o Apocalipse na mesma trajetória. Prolonga os conceitos que já aparecem claramente no Apocalipse.

Na visão inaugural, quando Jesus se mostra a João, ele aparece com atributos que na Bíblia pertencem a Deus. "Sou o primeiro e o último" (Is 44,6; 48,12; Ap 1,17). "O Vivente" é atributo de Deus, fonte de vida.

No cap. 5 no ato final da grande liturgia de entronização do Cordeiro, todas as criaturas dirigem uma só aclamação a Deus e ao Cordeiro unidos. Então os Anciãos adoraram: a mesma adoração para Deus e para o Cristo que é o Cordeiro.

Na nova Jerusalém, Deus e o Cordeiro estão no mesmo plano. "Não vi nenhum templo nela, pois o seu templo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, e o Cordeiro" (Ap 21,22). "A cidade não precisa do sol ou da lua para a iluminarem, pois a glória de Deus a ilumina, e sua lâmpada é o Cordeiro" (Ap 22,23).

Este reconhecimento da divindade de Jesus é uma resposta à divinização do imperador que os romanos começaram a praticar e a impor no império justamente nessa época, renovando assim a prática dos antigos impérios orientais do Egito e da Mesopotâmia... Jesus é feito senhor e rei face ao falso senhor que é uma criatura de Satanás (cap. 13).

Este é o primeiro livro em que se celebra a Jesus já como igual a Deus, como Deus também. É interessante que esse reconhecimento aconteceu justamente no contexto do martírio, isto é, do confronto com o imperador romano, quando aparentemente o imperador é o vencedor e está sendo aclamado pelos povos por causa da sua força militar.

3. O novo prazo antes do fim

Os apocalipses dos judeus mostram os sinais da vinda do reino de Deus numa sucessão precipitada. Cria-se a convicção de que o reino está próximo. Cria-se a impressão de que tudo já está marcado e que nada pode deter um acontecimento já em marcha.

No Apocalipse de João aparece um tema que já estava presente nas partes apocalípticas dos evangelhos sinóticos (Mt 24 e par.). No processo de aproximação do fim, produz-se um corte. Uma parada vem interromper a marcha dos últimos acontecimentos. A série dos sinais precursores e das etapas prévias fica interrompida. No Apocalipse de João o importante não é o que acontece com os sete selos e as sete trombetas. O importante é que antes da última trombeta vem um anjo interromper o processo. O Anjo traz outro livrinho (10,2). O livrinho contém toda uma história assim como o livro que foi entregue ao Cordeiro. Este livrinho contém coisas que não estavam no livro do Cordeiro. É uma história nova que vem interromper a história final da humanidade. Antes da consumação do fim, uma nova história há de realizar-se. O livrinho é amargo e doce ao mesmo tempo, isto é, anuncia acontecimentos alegres e tristes. O livrinho é entregue a João e contém a missão de João.

Foi dito a João: "É necessário que continues ainda a profetizar contra muitos povos, nações, línguas e reis" (10,11). O livrinho contém a história, o tempo da profecia encomendada a João. No entanto, pelo cap. 11 consta que não se trata somente

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos

do tempo da profecia de João sozinho. Na realidade João abre um tempo de profecia. Ele não vai sozinho profetizar no meio de muitos povos, nações, línguas e reis.

O que acontece é que antes do fim do mundo se abre uma época nova, uma época de transição. Será o tempo das profecias. O que se entende aqui por profecia?

No evangelho segundo Mt há também uma interrupção nos últimos tempos: "Este evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. E então virá o fim" (Mt 24,14). O que Mateus chama de evangelho, João lhe dá o nome de profecia. Na realidade é a mesma coisa. Trata-se do anúncio de Cristo, Messias, rei, salvador.

Por conseguinte, antes do fim do mundo há ainda uma etapa importante a ser percorrida: a etapa do anúncio do evangelho ao mundo. Esta etapa está descrita nos cap. 11 e 12.

Durante esse tempo "às minhas duas testemunhas permitirei que profetizem" (11,3). Quanto tempo durará esta profecia: "mil duzentos e sessenta dias" (11,3), ou "quarenta e dois meses" (11,2), ou três anos e meio, a metade de uma semana de anos. Foi mais ou menos o tempo da perseguição de Antíoco, o rei perseguidor contemporâneo de Daniel (Dn 7,25). Essa duração tornou-se o símbolo de uma perseguição. Os profetas vão anunciar a profecia, isto é, o evangelho, no meio do mundo que os persegue. Será um tempo breve simbolizado pela meia semana de anos. No entanto, o número é simbólico e não pretende dar indicações precisas.

Antes do fim do mundo haverá o tempo do anúncio do evangelho pelos profetas enviados por Jesus. No concreto, todos os cristãos são esses profetas enviados por Jesus. A profecia realiza-se no meio da perseguição e a perseguição termina com o martírio (11,7-10).

No cap. 12, sob outras imagens bíblicas, anuncia-se o mesmo tempo de profecia e de perseguição. A "Mulher" é o povo de Deus que deu à luz Jesus. Satanás quis devorar o filho da Mulher: foi a morte de Jesus em Jerusalém. Mas "o seu filho foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono" (12,5). Foi a ressurreição de Jesus. A mulher fugiu para o deserto: são os cristãos dispersos pelo mundo. Houve uma batalha no céu entre Miguel e o Dragão. O Dragão foi vencido e expulso do céu: foi a ressurreição de Jesus e a instalação do reino de Jesus no céu. O Dragão foi expulso do céu e jogado na terra.

"Ao ver que fora expulso para a terra, o Dragão pôs-se a perseguir a Mulher que dera à luz o filho varão. Ela, porém, recebeu duas asas da grande águia para voar ao deserto, para o lugar em que, longe da Serpente, é alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo. A serpente, então, vomitou água como um rio atrás da Mulher: a terra abriu sua boca e engoliu o rio que o Dragão vomitara" (12,13-16).

A perseguição dirige-se contra a Mulher sem conseguir atingi-la. O tempo é o mesmo de sempre: meia semana de anos, o tempo breve, porém indeterminado, do evangelho e da perseguição. No meio da perseguição o povo de Deus permanece indestrutível.

Porém, se a perseguição não atinge o povo de Deus como totalidade, atinge os seus membros, os discípulos de Jesus tomados individualmente. "Enfurecido por causa da Mulher, o Dragão foi então guerrear contra o resto dos seus descendentes, os que observam os mandamentos de Deus e mantêm o Testemunho de Jesus" (12,17). Então começa a descrição da grande guerra do Dragão contra os profetas de Cristo, uma guerra que se estende do cap. 13 até o cap. 19.

Na guerra Cristo e o seu povo sairão vencedores, embora a perseguição consiga matar os discípulos de Jesus. No entanto os mártires já estão associados ao triunfo de Jesus (14,1-5; 15,2-4).

Esta novidade do Apocalipse de João é muito importante porque define o significado do tempo entre a ressurreição de Jesus e o fim do mundo. Não podemos definir esse tempo somente como tempo de espera do fim, de pura paciência. Será um tempo de drama, de guerra. Por um lado, a Igreja anuncia o evangelho de Jesus, que é uma profecia. Esse evangelho é uma arma que fere os inimigos de Deus, o Dragão e os seus seguidores e instrumentos. Os inimigos respondem matando. Os mártires vencem porque logo participam do triunfo de Jesus.

Por conseguinte, o nosso olhar não pode fixar-se no fim do mundo. Este fim foi diferido. Outra época há de realizar-se antes do fim e o que nos importa em primeiro lugar é justamente o sentido desta última época que Cristo abriu na história do mundo. O que nos ocupa prioritariamente é a tarefa de profetizar. Como discípulos de Jesus devemos proclamar o evangelho face ao mundo que se opõe a Deus. O evangelho é profecia, denúncia da mentira e da morte. O fim virá depois.

Para os cristãos o fim já chegou: o principal, que é o reino de Cristo na vida eterna, já está presente. Os discípulos já estão associados ao reino de Cristo embora sejam ainda vítimas da perseguição. O que virá no fim será a confirmação e a plena manifestação do reino já presente. O fim do mundo já não é a meta. A expectativa está superada pela atividade atual da evangelização. Quanto ao prazo, ninguém sabe o que significa a metade de semana de anos que foi revelada ao profeta João. Sabemos que dura já há quase 2.000 anos. Nada mais sabemos. Todas as pseudo-revelações que vieram depois carecem da garantia da inspiração do Espírito Santo. A Bíblia está completa e nenhuma nova profecia poderia ter a pretensão de completá-la. Se alguém vem dizer que recebeu revelações sobre os tempos e as datas, ou é mentiroso ou iludido. É impossível que o que diz seja a verdade. Por isso temos um critério bem claro para julgar as chamadas aparições ou revelações que aparecem freqüentemente. Ou repetem o que já está na Bíblia, ou são falsas. Se pretendem dizer coisas que não estão na Bíblia, já sabemos que não são revelações verdadeiras.

O fim do mundo não nos preocupa. O que, sim, nos preocupa, é nossa tarefa evangelizadora no mundo de hoje.

José Comblin
Rua Rosinaldo Santana, 900
58308-650 Bayeux, PB